



O mesmo

Gilberto Tavares dos Santos

Sábado, uma da manhã. Ligo a TV para ver as notícias. Na tela, uma mensagem: Posso acessar os canais de filmes por três dias. "Cortesia" da operadora. Hum... quanta gentileza. Esqueço as notícias e começo a navegar nos canais antes proibidos. Um filme, dois filmes. No terceiro, encontro um diálogo que me agrada, apesar de a cena estar muito escura. O personagem está no Iraque. Começo a viajar. Mesopotâmia, Oriente Médio, mundo muçulmano. Estabeleço conexão imediata. Gosto dos filmes que me levam pra além. Ver as paisagens, pessoas, roupas, quem sabe apreciar as comidas. Mas não. O filme não é como imagino. Um motorista de caminhão, cidadão norte-americano, sequestrado e enterrado-vivo dentro de um caixão de madeira a alguns centímetros da superfície, porém com espaço para realizar alguns movimentos. Macabro demais. Não gostei. Sinto pavor ao me imaginar trancafiado. Não me convidem para entrar em cavernas. Não irei. Atravessar túneis, só por muita necessidade. Conto os segundos em que estou cruzando o caminho, e sempre imagino que aquilo tudo pode desabar em minha cabeça, de uma hora pra outra.

Vou mudar de canal. Não, quem sabe seja essa a oportunidade de superar a fobia da clausura. Afinal de contas, é um filme americano. Tudo sempre termina bem. O personagem tem celular, isqueiro e outros apetrechos de manutenção. Questão de aguardar mais setenta minutos para que tudo acabe em paz. Os americanos são todos super-heróis, vieram pra salvar o mundo. Com um sorriso de escárnio, meus pensamentos não poupam críticas ao filme. Um celular que mantém comunicação com os Estados Unidos? Tá, é de última geração. Mas será que no Iraque não tem Claro, Tim, Vivo e Oi para atrapalhar? Duvido! E o isqueiro? Ah, sim, o personagem deverá mantê-lo aceso quase o tempo todo. Filme só na escuridão é surreal demais. Para pedir ajuda, ele telefona para familiares, amigos, patrão e governo. Há até um setor específico para receber chamadas de sequestrados. Um telemarketing da salvação. O atendente pede calma, que lhe será prestado auxílio. É só o tempo de o celular ser rastreado. Mas, para confirmar a veracidade da chamada, preciso checar alguns dos seus dados, por favor.

Entretanto, antes do final feliz, sequestrado e telespectadores teremos que sofrer um pouco. Mais perigo vai rolar. Princípio de desabamento. Terra pressionando a parte superior do caixão. Como assim, há muita terra encima

do caixão, a ponto de provocar um desmoronamento, e ele consegue usar o celular? Calma, é filme americano, tudo pode e se explica, por mais bizarra que seja a situação. Volta e meia o sequestrador liga, ameaça e ordena para que o personagem envie pedido de resgate com foto e dedo sangrando. Mais adiante aparece uma cobra. Ah, não! Uma cobra? Meu segundo pavor! A minha fobia de cobras, tinha me esquecido. Dois pavores juntos! Desviei os olhos da TV e tive que buscar uma dose considerável de coragem e racionalidade para retornar segundos depois. A cobra vai se ferrar, porque se o réptil se der bem acaba o filme. O personagem encontrará uma solução, calma! Uma fresta e lá se vai a cobra. Sempre tem uma fresta!

As agruras vão acontecendo, permeadas por telefonemas. Próximo do final, o personagem liga para a mãe e se despede, deixa uma mensagem super-emotiva para esposa e filhos. Cruel demais, porém eles não me pegarão pelos sentimentos. Já, já, alguém arromba o caixão, salva o personagem e eles juntos cantarão "América, América..." Novo desabamento, agora mais intenso. A bateria do celular nas últimas. É o fim. O personagem utiliza seus derradeiros instantes para conversar novamente com o operador da salvação: E minha ajuda, quando vem? Quase chegando, fique calmo. A terra caindo, tensão, suor, espaço e oxigênio diminuindo.... Estamos chegando, calma... Encontramos... Ah, é outro sequestrado... Desculpe-me. E o filme termina de supetão. Terminou? Assim? Ele não foi salvo? Não haverá o "América, América..."? Não acredito, foi golpe baixo! Perplexo, eu divago: os americanos já não fazem mais filmes como antigamente. Repenso, agora com um sorriso de autodeboche. Não, tu é que continuas o mesmo!